

## DOM HELDER CAMARA E O DIÁLOGO

Ilda Lopes Rodrigues da Silva\*

*Minha porta e meu coração  
estarão abertos para todos sem  
nenhuma diferença. (...) não  
posso excluir a ninguém do meu  
diálogo...*  
(Helder Camara: 1984, 16).

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) presta uma homenagem à memória de Dom Helder Camara lembrando seu aniversário de nascimento. Com a evocação em 2009 do Ano Centenário de Dom Helder através de manifestações variadas em seu meio acadêmico, recorda para alguns, dá a conhecer para outros, especialmente às novas gerações, traços da vida e da obra de um homem da Igreja, impregnado de um modo de ser voltado para servir aos mais injustiçados e defender os Direitos Humanos, ergue-se como símbolo da paz.

Não tem faltado a Dom Helder, nome de envergadura internacional, exposições sobre sua personalidade e realizações, sobre sua ação consciente e corajosa, como presença pública e como bispo da Igreja Católica na sociedade brasileira e no mundo.

Que então me seja permitido falar, do lugar de uma assistente social, que embora não tenha convivido diretamente com Dom Helder, sofreu sua influência através de algumas assistentes sociais que tiveram o privilégio de compartilhar com ele sonhos, realizações e esperança de um mundo mais justo, na longa trajetória de sua existência a partir de sua transferência do Ceará para o Rio de Janeiro, como padre, em 1936, até o fim de sua vida em 1999. Além disso, tive oportunidade de assessorar nos anos de 1980 a equipe do Banco da Providência no Rio de Janeiro, que continuava sua obra com entusiasmo e era desejosa de responder aos grandes desafios da época sem perder o espírito inovador e a força de seu idealizador.

Para mim, a passagem pelo Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CBCISS, com sede no Rio de Janeiro, no período dos anos de 1980 e 1990, como participante de diretorias e como voluntária, foi marcante, por perceber a atenção e carinho que Dom Helder

---

\* Assistente Social, Professora Associada do Departamento de Serviço Social da PUC-RIO

tinha pela entidade da qual era sócio - uma associação que reunia, entre seus membros, homens e mulheres, entre os quais muitos eram assistentes sociais, que confiavam no mestre destemido, respeitando sua coragem e fé em favor dos injustiçados e conclamando por uma "revolução dentro da paz" (Rocha: 2000, 216).

Começo por mencionar uma manifestação pública, no ano de 1962, quando Dom Helder recebeu o Prêmio Internacional René Sand, na XI Conferência Internacional de Serviço Social, realizada na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, no período de 19 a 25 de agosto, na presença de mais de 2000 pessoas oriundas do Brasil e de diversos países.

Esse evento tem uma alta significação histórica, não só por ser o primeiro prêmio dessa natureza recebido pelo homenageado, mas por ser também a primeira Conferência dessa envergadura realizada na América Latina.

O Comitê Brasileiro de Intercâmbio de Serviço Social, órgão representante da entidade internacional (Conferência Internacional de Serviço Social) fez uma organização impecável e os resultados da Conferência foram de alto valor. As contribuições recebidas "atravessando barreiras sócio-políticas ou religiosas, vêm permitindo captar o sentido dado à expressão 'Desenvolvimento Social' como um processo onde valores e conhecimentos respeitam e promovem a dignidade da pessoa humana e a construção de um país justo" (Silva: 1999, 81).

Mas, o que liga os nomes de personalidades extraordinárias, neste caso René Sand e Helder Camara?

René Sand (1861-1953), médico belga que procurou intervir na realidade política a nível internacional, a partir de 1928, por meio da criação das Conferências Internacionais de Serviço Social (em 1966 passou a denominar-se Conselho Internacional de Bem-Estar), das quais foi membro fundador e seu primeiro presidente de 1928 a 1948.

Dom Helder nascido no Brasil (1909-1999), sacerdote, místico de olhos abertos à realidade, atento à revelação das desigualdades sociais, comprometido com a libertação do ser humano.

René Sand incentivador da criação, em diversos países, dos Comitês oficiais da Conferência Internacional, com a intenção de provocar o desafio de estabelecerem-se espaços efetivos de "democracia, onde as pessoas

estão comprometidas com a apresentação, discussão e avaliação de temáticas e desejos de inovação que levem à compreensão da realidade do cotidiano para uma elaboração participativa das políticas sociais de cada nação” (Almeida: 2002, 21).

Dom Helder, arauto da esperança, construtor de trajetórias junto a sujeitos que agindo em comum, pelo diálogo, buscam junto um mundo mais justo e solidário.

Esses dois homens, não há dúvida, destacam-se nos seus tempos e no dizer de Balbina Ottoni Vieira, assistente social, professora, escritora – o que une as figuras excepcionais através dos séculos “é o amor, o interesse para os seres humanos que permanecem e se repetem, e se apresentam como um fenômeno universal, e, portanto como a ‘essência dos trabalhos sociais’.” (Vieira: 1984, 113 in Silva: 1999, 83).

A relação para a premiação estava feita.

O contexto histórico-cultural da época via-se, de um lado, agravado pela questão social identificada por problemas sociais provocados pela explosão da crise urbana, destacando-se o crescimento das populações nas cidades sem condições dignas de vida. De outro, havia uma preocupação de transformação de políticas sociais que implicassem em atitudes críticas e de ruptura das práticas assistencialistas praticadas, então.

As exigências políticas de referência ao mundo comum, no sentido do “amor mundi” (Arendt, 2001) se esboçavam.

Indo mais longe, o desafio é exercitar o diálogo no respeito à pluralidade de homens e mulheres. Construir um mundo comum na esfera pública.

\* \* \* \*

*É preciso deixar os jovens serem jovens.  
Eles estão a caminho do futuro  
(Helder Camara: 1999, 22)*

Neste momento, vale a pergunta – Quem é Dom Helder? É na vida da pessoa que o “quem” se manifesta na sua singularidade, na presença dos outros.

Helder Pessoa Camara nasceu em Fortaleza, Ceará, a 7 de fevereiro de 1909 e faleceu no Recife, Pernambuco, a 27 de agosto de 1999. Ele é um

homem do século XX. Foi o décimo primeiro filho, de uma prole de treze, do casal Eduardo Torres Camara Filho, guarda-livros e Adelaide Rodrigues Pessoa, professora primária. Foi ordenado sacerdote em 15 de agosto de 1931, aos 22 anos e meio. Permaneceu em Fortaleza até 1936, quando foi transferido para a Arquidiocese do Rio de Janeiro ficando nela até 1964. Nesse ano, a 12 de abril, é nomeado arcebispo de Olinda e Recife.

Nesta apresentação vou aos tempos do seminarista para tentar apreender a sua figura. Pilleti e Praxedes (2008), seus biógrafos, relatam algumas passagens interessantes desse período. Assim leia-se a palavra de Helder.

(...) cada noviço tinha na sala de aula uma mesa com um tampão que se levantava e era fechado com cadeado. (...) Um dia bem cedo, antes da missa das seis, [Helder] foi à sua mesa para pegar os livros de oração quando o colega Luiz Braga o avisou: - O padre reitor mandou dizer que se você precisar de algum papel que esteja faltando aí dentro é para pedir a ele, pois os papéis estão com ele.

Uma ou duas semanas depois, como Helder não se manifestasse sobre o ocorrido, o reitor encontra-o e pergunta:

- Você não está precisando dos seus papéis?

- Padre Reitor, posso responder como sempre lhe falo, de coração aberto?

- Claro (respondeu o reitor).

- O senhor sabe por que não fui procurá-lo? Porque tenho um grande respeito ao meu reitor e lhe quero muito bem. Sinto pelo senhor respeito, admiração e simpatia humana. Tanto que prefiro antes abrir mão dos meus papéis a ir buscá-los com o senhor. Acho que o senhor se sentiria mal em reconhecer que de madrugada, como um ladrão, foi até a sala de aula com um lampião para abrir minha mesa e levar meus papéis.

- Não, não. Não quero submetê-lo a essa humilhação. (Pilleti e Praxedes: 2008, pp. 54 e 55).

Que qualidade já se mostrava em Helder de amor ao outro, de amor à humanidade?

Ele estava trazendo, pelo diálogo, o que ocorria naquele momento, para que pelo curso da palavra se aprendesse a respeitar o ser humano.

Isso tem muito a ver com o significado dessa ação, não como um relacionamento manipulativo entre um superior e um inferior, mas com a dignidade que exige ouvir a pluralidade das vozes.

Ainda, sobre o episódio mencionado, os biógrafos prosseguem:

Fazendo um gesto com as mãos, o reitor continuou.

Está aqui a sua chave.

- Não ( diz Helder), não quero isso só para mim. Não aceitaria um privilégio desses. O reitor, quase impacientando-se, retrucou:
  - O senhor pensa que todo mundo tem a sua maturidade?
  - O seu engano padre reitor, (fala Helder), é pensar que os jovens não têm maturidade. O seu engano é não confiar na juventude. Se o senhor fizer apelo na base da lealdade, garanto que saberemos cumprir.
- O Reitor se deu por vencido e resolveu.
- Tudo bem, hoje mesmo vou entregar as chaves a todos (Pilleti e Praxedes: 2008, p. 56).

A formação dos seminaristas tinha um viés tradicional, distanciado da linguagem local e dos problemas cotidianos, embora no período de 1923 a 1931 a Igreja Católica brasileira estivesse se reorganizando para conquistar influência política e adensasse sua ligação religiosa na população.

No Seminário a busca da liberdade e justiça do jovem seminarista também se anuncia – ir às suas palavras é traduzir melhor seu olhar de justiça.

Veja-se outra situação:

Padre reitor, se o senhor me permite entrar no caminho do sacerdócio, acho que será possível também aceitar minha candidatura a congregante de Maria. Imagina, padre reitor: desde minha entrada no Seminário até hoje, jamais foi aceita minha candidatura. Por quê? Porque, padre reitor, no regulamento de nosso seminário existem proibições sem sentido. Por exemplo, há corredores enormes que devemos cruzar em silêncio absoluto. Exigir silêncio é muito fácil, muito mais fácil que conseguir que se fale como pessoas humanas que sabem respeitar-se e respeitar os demais. Acaba sendo muito mais fácil impor o silêncio que educar no diálogo (Pilleti e Praxedes: 2008, p.67).

Continua Helder:

Na sala de estudo também é exigido silêncio! Lá, padre reitor, é proibido consultar ou ajudar o vizinho! Ou seja, estamos aprendendo a nos fechar no egoísmo, no individualismo. É assim que aprenderemos a ser sacerdotes? Por isso, lá também me rebelo, falo e consulto meus colegas quando preciso, ou ajudo-os quando sou capaz... (Pilleti e Praxedes: 2008, p. 67).

A atitude básica de crítica e de colaboração com o outro já se manifesta no jovem seminarista: é na troca que se revela.

Após o Seminário, o padre Helder ficou em Fortaleza desincumbindo-se das atividades de orientação aos operários e da juventude católica, assim como exerceu as funções de assistente eclesiástico da Liga dos Professores

Católicos e de professores de religião do Liceu Literário. Atuou em cargos públicos na área de educação.

Em julho de 1933 chama a atenção uma ação que perturbou a sociedade privilegiada fortalezense.

O sacerdote e um grupo de professores fundaram um movimento de Sindicalização Operária Católica, com objetivo de reunir lavadeiras, engomadeiras, domésticas, cozinheiras, amas e copeiras da cidade (Pilleti e Praxedes: 2008, 74). Aulas para ler, escrever e contar histórias eram oferecidas, assim como de educação estética. No fim, estava-se ensinando os direitos das operárias. Isso contrariava os conservadores.

Uma ressalva importante deve-se fazer: desde 1932, o padre Helder filiou-se ao movimento integralista e participou das lutas do mesmo no seu estado. Acreditava que não havia incompatibilidade entre o integralismo e a doutrina católica. Só retirou-se a partir de 1936, dando-se em 1937 seu total desligamento do movimento. Dom Helder admite que cometeu um equívoco que veio a perceber com leituras e reflexões que fez, mas considera que foi uma experiência.

Jacques Maritain, intelectual católico francês, com seus livros, especialmente o *Humanismo Integral* (1936), emprestado por Alceu Amoroso Lima, em que fazia a reconciliação do catolicismo com a democracia, focando o respeito ao pluralismo político e religioso, foi decisivo para o padre Helder. Sua mentalidade abriu-se a novas influências e a novos horizontes.

Já na Arquidiocese no Rio de Janeiro para onde fora transferido em 1936 e permaneceu até 1964 desenvolveu importantes tarefas e cultivou ao máximo sua capacidade de atrair colaboração para suas ações. Realizou conferências, retiros; mobiliza a sociedade intelectual, autoridades públicas e religiosas; dedicou-se às pessoas mais empobrecidas e ignoradas.

Articulou os bispos do Brasil com a idealização e concretização da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 1952, visualizando um espaço de diálogo para o debate das questões religiosas e das sugestões de solução para questões sociais manifestas no cotidiano. Sua permanência por 12 anos como Secretário-Geral da entidade, inicia um novo estilo de Igreja, depois constituído pelo Concílio do Vaticano II (1962-1965), nos bastidores

do qual ele também vai ter uma presença forte nas conversações e estudos realizados entre os bispos ali presentes.

Orientou a Ação Católica Brasileira em todos os seus ramos, fomentou a criação do Secretariado Nacional da Ação Católica Nacional Brasileira assumindo a vice-assistência do Secretariado. Nessa época (desde 1947) formou em torno de si um grupo de colaboradores, entre eles jovens (do movimento de Ação Católica) que iriam acompanhá-lo durante sua vida.

Por indicação de Dom Jaime de Barros de Camara (que substituiu na Arquidiocese do Rio de Janeiro em 1943, Dom Leme que faleceu em 1942) foi designado presidente da Comissão Organizadora do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional realizado em julho de 1955, no encerramento do ano litúrgico, no Rio de Janeiro.

Para o Congresso Dom Helder contou com uma equipe fiel e articulou recursos públicos e privados para tal realização. É importante mencionar que paralelamente ao Congresso, Dom Helder foi grande articulador da primeira Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada no Rio de Janeiro, partindo dessa iniciativa o impulso de se criar o Conselho Episcopal Latino-Americano - CELAM, efetivado nela (Castro: 2002, 252).

O Congresso Eucarístico aconteceu no Aterro da Glória e foi um ato público que reuniu pessoas vindas do Brasil e do mundo todo, tornando-se uma manifestação grandiosa.

Em síntese: o acesso privilegiado a pessoas, particularmente do governo e da intelectualidade; a articulação estreita no meio católico; e os métodos de trabalho do agir em conjunto delineavam um modo de ver o mundo.

Um movimento significativo dessa trajetória aconteceu em uma conversa que Dom Helder manteve com o Cardeal de Lyon, França, Pierre Gerlier que participou do Congresso Eucarístico. Ele após elogiá-lo pela organização do Congresso interpelou-o, dizendo:

Permita-me falar-lhe como um irmão no batismo, um irmão no sacerdócio, um irmão no episcopado, um irmão em Cristo. Você não acha que é irritante todo este fausto religioso em uma cidade rodeada de favela? (...) Quero que faça uma reflexão; por que querido irmão Dom Helder, não coloca todo esse seu talento de organizador que o Senhor lhe deu a serviço dos pobres? (...) todas essas favelas, neste quadro de beleza, são um insulto ao criador... (Pilleti e Praxedes: 2008, 200).

Dom Helder, sensibilizado com o desafio, disse:

Este é um momento de virada na minha vida. O senhor poderá ver minha consagração aos pobres. Não estou convencido de possuir dotes excepcionais de organizador, mas o dom que o Senhor me confiou colocarei a serviço dos pobres. (Pilleti e Praxedes: 2008,200).

A partir disso, inicia um trabalho continuado em favor dos menos favorecidos, dos injustiçados, pois já não era mais possível continuar a receber os pobres, os que pediam tudo, após as missas, sem perspectiva de ações que os levassem a mudar suas vidas.

Dom Helder, provocado pelo diálogo que mantivera com Dom Gerlier, pensou e ateve-se a um projeto inovador, batizado com o nome de Cruzada São Sebastião (nome dado em homenagem ao padroeiro da cidade) com objetivo de transferir moradores de favelas para prédios de apartamentos para que alcançassem uma solução humana. O Projeto nasceu em 29 de outubro de 1955.

Ele sabia que não iria solucionar o problema da moradia, pois se tratava de uma questão mais ampla. Ele dizia: "por necessárias que sejam (estas ações), não são mais que paliativos. A verdadeira causa das favelas não está aqui, mas sim no campo. É a miséria que empurra os trabalhadores rurais para as grandes cidades" (Pilleti in Cordini: 2009, 28).

Ele considerava que seu trabalho não seria em vão. A Cruzada São Sebastião era pioneira na experiência de habitação popular. A recepção da moradia digna em conjunto com outras ações (construção de escolas, serviços e obras essenciais como instalação de caixas d'água em morros, redes de luz e de esgoto, farmácia, atendimento preventivo à saúde e formação de lideranças operárias) junto aos mais pobres, desencadeava a cidadania de seus participantes como processo contínuo de formação.

A Cruzada São Sebastião concluiu nove blocos de apartamentos no Bairro Leblon, na Zona Sul e quarenta e seis apartamentos no Morro Azul, na Zona Oeste, da Cidade do Rio de Janeiro.

Todo o processo de levantamento das famílias a serem transferidas, do aprendizado de morar em um apartamento, do administrar um conjunto habitacional, contou com a colaboração de um grupo de assistentes sociais.

A relação mantida com os futuros participantes do projeto, depois com os próprios moradores, era construída como possibilidade de encarar o outro como sujeito, numa implicação que pudesse encontrar, na atitude essencial de EU – TU, a abordagem do diálogo (Buber). Eram sujeitos que haviam sido usurpados de seus direitos, e a constituição de uma nova subjetividade exigia um exercício de etapas elaboradas com a participação dos mesmos. Expressava-se a busca do respeito, da solidariedade e da justiça.

As ações de Dom Helder eram ousadas e provocavam polêmicas porque visavam a conscientização das massas e das elites.

Simultaneamente, Dom Helder, com sua equipe de Ação Católica, organiza em 1959 os Serviços de Emergência Social num Banco Popular, que denominou de Banco da Providência. Para manter as Carteiras de Saúde, Alimentação, Moradia (PROMORA), Educação, Roupas e Calçados e Prestação de Assistência Jurídica, cria em 1961, uma via de autosustentabilidade – as Feiras da Providência – que continuam até hoje. Anualmente, as Feiras da Providência congregam a participação de organizações nacionais públicas e privadas, representantes oficiais de países estrangeiros e grande número de voluntários, e a venda dos produtos expostos reverte para o Banco e a Comunidade de Emaús – criada em 1963, destinada a homens adultos em risco social e ex-presidiários – que ainda se mantêm em funcionamento.

O Banco da Providência e a Comunidade de Emaús, como legados de inspiração de Dom Helder, continuam até hoje, renovados em sintonia com as condições da sociedade, visando tornar realidade o lema helderiano de “mover-se para ajudar muitos outros a moverem-se no sentido de tudo fazer para criar um mundo mais justo e humano.”

A experiência de se fazer presente aos pobres, especialmente aos moradores das favelas, mostrava a ausência de políticas que privilegiassem os Direitos Humanos – principalmente no caso do Brasil, uma política de reforma agrária.

Este breve relato de fragmentos de vida e obra de Dom Helder já dá o perfil desenhado em 1962. Um homem envolvido com ações eclesiais, pastorais, sociais e políticas, em favor dos injustiçados.

Seu nome extrapola o Brasil e assim compreende-se a homenagem prestada pela XI Conferência Internacional de Serviço Social. O mundo já o reconhecia como um liderança da promoção do desenvolvimento, questionando o subdesenvolvimento.

O tema da Conferência – “Desenvolvimento de Comunidades Urbanas e Rurais” – reuniu pessoas e instituições preocupadas com a manifestação da questão social naquele momento e simbolizava as lutas por políticas sociais que gerassem transformações sociais.

É oportuno lembrar as palavras do Presidente da Conferência, Sr. Lester Granger, na sessão plenária celebrada na terça-feira, a 23 de agosto de 1962, quando entrega o Prêmio René Sand, para entender-se a esperança depositada em Dom Helder como presença de valorização do ser humano.

Fala o presidente:

(...) em maio passado, quando participei de um jantar com Dom Helder senti imediatamente a força de sua vibrante personalidade, mas somente quando entrei em contato com algumas de suas atividades no campo de habitação, na Cruzada São Sebastião, e falei com os moradores das favelas sobre o Programa de Auxílio de Dom Helder, só então compreendi a profundidade e a amplitude da influência que este varão da Igreja exerce através do genuíno processo de identificação com os necessitados, para servi-los. (Almeida: 2002,72).

O Presidente Granger declarou ainda:

(...) entre aqueles cuja confiança é difícil de conquistar - porque pobre e desesperados não podem confiar em vão - D. Helder conquistou a confiança que nasce do amor, e deste não se pode separar. Sua Cruzada São Sebastião é um exemplo de programa de ação social realizado pela Igreja, que poderá ser imitado em cada país e em cada grande cidade...(Almeida:2002,72).

Dom Helder na ocasião agradece a homenagem e fustiga a assembleia.

Diz ele:

(...) Deus me livre de parar em mim e perder tempo em examinar se mereço ou não o prêmio internacional que guardarei com carinho. Nesta noite, além do vosso gesto de firmeza, vale a oportunidade excepcional de transmitir, a ouvintes qualificados do mundo inteiro, uma mensagem que – eu espero – em essência, esteja no espírito de todos vós. O instante é propício para despertá-la, dar-lhe forma e propô-la como tarefa que deixará de ser utopia na medida em que todos transformarmos em carne da carne, sangue do sangue, razão de ser da própria vida (Almeida: 2002,73 e 74).

Vale aqui acrescentar a meditação de Dom Helder "A utopia partilhada é a mola da história." (Broucher in Rocha: 1999,22).

Continua Dom Helder seu discurso:

(...) o mundo sofre pela falta de diálogo entre os povos desenvolvidos e os povos sub-desenvolvidos.

Na hora em que começam as viagens espaciais, não é possível partir para novos mundos se não encontrarmos meio de entendermo-nos aqui embaixo. Não vamos levar egoísmo em nosso vôo para as estrelas.

Quando seres humanos não dispõem de casa que mereçam o nome de casa, de alimentos que não sejam dieta de fome, de vestes compatíveis com a dignidade humana, de um mínimo de educação e de trabalho autêntico, faltam-lhes os preliminares de liberdade. Nem adianta vir falar-lhes em direitos fundamentais do homem. É uma irrisão falar-lhes em pessoa humana e em liberdade de pensamento de imprensa e religião. A primeira tarefa - e com que inteligência e amor há quem a ela se dedique - é pôr a criatura de pé; é dar-lhe a base para realizar-se como criatura humana; é criar-lhe condições para que se acenda sua inteligência e desperte sua liberdade; é ajudar a comunidade incipiente a superar egoísmos, a mobilizar iniciativas e a exigir dos Poderes Públicos respeito e cooperação.

Quanto a vós, Assistentes que trabalham no mundo desenvolvido, vossa missão, sem ser menos bela, é talvez mais difícil. Não é fácil despertar fome e sede de justiça em criaturas instaladas na vida. Quando a frieza consegue gelar as mãos, os olhos, os lábios e transformar o próprio coração num pedaço de gelo, só o sopro de Deus pode salvar (Almeida: 2002; 74,76).

O homem, Dom Helder, que acreditava e trabalhava na perspectiva da igualdade de direitos a todos, era também um contemplativo, um poeta místico. Ele concluiu sua oração conclamando todos os delegados da Conferência Internacional a colaborarem na preparação de um diálogo, o Santo Diálogo a oração de São Francisco de Assis (Almeida: 2002, 74). Mas, só acompanhando-se, no tempo, a atividade contínua de pensamento e ação de Dom Helder pode-se registrar sua presença excepcional na esfera pública.

\* \* \*

*Nós não queremos a paz dos pântanos,  
a paz enganadora que esconde  
injustiças e podridão.  
(Helder Camara: 1999, 21)*

Dom Helder foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife, em abril de 1964, momento delicado na história política brasileira pois, em 31 de março, desse ano, ocorre o golpe militar. Seu episcopado vai de 1964 a 1985 quando se aposenta como arcebispo emérito dessa diocese.

Na posse, em 1964, como arcebispo toma a posição aberta de dialogar com todos os grupos e de trabalhar com todos os cidadãos. Diz ele:

Um nordestino falando a nordestinos, com os olhos postos no Brasil, na América Latina e no mundo. Uma criatura humana que se considera irmão de fraqueza e do pecado de todos os homens, de todas as raças e de todos os cantos do mundo. Um cristão se dirigindo a cristãos, mas de coração aberto, ecumenicamente, para os homens de todos os credos e de todas as ideologias. Um bispo da Igreja Católica que, à imitação de Cristo, não vem para ser servido, mas para servir (Condini: 2009, 35).

A questão social novamente interpela o Dom Helder, situado na região nordestina denominada de "Triângulo da Fome". Os problemas políticos da época se acirram, a atuação pastoral é acentuada, a articulação com a sociedade é realizada com grupos que discutiam literatura, teologia, artes plásticas com aqueles da própria terra que mostravam a realidade, realizações e projetos. Quando o tema de assistência social se manifestou, a idéia foi fundar um Banco da Providência em Recife à semelhança do existente no Rio de Janeiro.

O arcebispo congrega tanto colaboradores da elite que representava maior poder econômico e social, como o apoio de assistentes sociais da Escola de Serviço Social da Arquidiocese, para levar avante seu projeto social para socorrer os mais pobres (Pilleti e Praxedes: 2008, 259).

Em 1965, uma grande inundação em Recife deixou centenas de desabrigados e Dom Helder iniciou uma ampla campanha de arrecadação de mantimentos para os flagelados. Novamente busca e consegue apoio do poder público e das organizações privadas para a reconstrução das áreas destruídas.

Em torno desse projeto Dom Helder organizou em julho do mesmo ano, 1965, o Encontro do Nordeste "a fim de discutir um plano de desenvolvimento, elaborado e supervisionado pela Superintendência e Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE(1959), (...) uma autarquia federal

(...) projetada pelo economista Celso Furtado, no Governo de Juscelino Kubstichek (1955-1960)” (Condini: 2008, 37).

Nessa ambiência o movimento “Operação Esperança” se firmava, cujo mentor foi o próprio arcebispo, e que depois foi transformado em uma entidade. Ainda mais tarde foi criada a instituição Obras de Frei Francisco. A preocupação era atender as necessidades básicas e formar mão de obra com vistas ao exercício do direito ao trabalho digno, isto é, não ser assistencialista nas propostas e ações, mas desenvolver a pessoa no sentido de sua autonomia.

A “Operação Esperança” atuava na cidade e depois se expandiu para o interior. A visada era a conscientização do povo a respeito da sua importância e da adesão à causa do desenvolvimento integral.

Claro que as ações sociais e a defesa dos direitos humanos desenvolvidas provocaram insatisfações por parte de grupos da Igreja, assim como da ditadura militar, a tal ponto que no início de setembro do ano de 1970 o Ministério da Justiça do Governo Garrastazu Médici expediu, pela Polícia Federal, uma ordem oficial de proibição de divulgação de qualquer manifestação de Dom Helder na imprensa falada, escrita e televisada (Pilleti e Praxedes: 2008, 386-388 in Condini: 2009, 60).

Silenciado no país tornou-se o mais importante crítico do regime militar, denunciando as prisões e torturas, que estavam acontecendo no Brasil, através das muitas conferências que, como convidado, ele fazia no exterior. Eram milhares de jovens a ouvir suas palavras. O diálogo agora era com o mundo, sua preocupação política concentrava-se nos Direitos Humanos. A causa dos oprimidos e dos não privilegiados era sua missão. A busca pela libertação passa a ser seu compromisso.

Por quatro anos, 1970, 1971, 1972 e 1973 seu nome foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz pela:

(...) notoriedade adquirida por sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano; constante mensagem de não-violência na América Latina (em decorrência dos atos terroristas e dos movimentos guerrilheiros); sua posição de liderança dentro da Igreja na luta por melhores condições de vida, respeito aos Direitos Humanos e solidariedade entre as nações, independente das condições econômicas” (Pilleti e Praxedes: 2008, 62)

Mas, foi obstaculizado pela diplomacia brasileira.

Dom Helder era reconhecido internacionalmente como o Dom da Paz e da Justiça e prêmios se sucederam na sua vida, depois do Prêmio René Sand, em 1962. Em verdade, o Brasil perdeu a oportunidade de ter um nome brasileiro no elenco dos homenageados num prestigiado colegiado como é o Prêmio Nobel.

Afinal, seu agir comprometido com a ruptura das injustiças, por meio do diálogo, era imbuído de esperança, coragem e perseverança num futuro renovado, sem perder de vista uma ordem espiritual.

\* \* \*

*Pelo amor das rosas  
eu te agradeço  
a diversidade das flores*  
(Helder Camara: 2007, 23)

Em meio a tantas solicitações e desafios que sua missão lhe impunha, Dom Helder encontrava tempo para responder aos convites do CBCISS para participar de alguns de seus eventos e trabalhos.

As diferentes diretorias mobilizadas por uma "ética democrática", provocada por uma inquietação com as injustiças em relação "ao outro" e particularmente ao pobre (...), desenvolveram estratégias de cunho formativo, político e cultural (Almeida: 2002).

Vou destacar, repetindo, especialmente os anos de 1980 e 1990 em que pude acompanhar mais de perto (como membro de Diretoria e de seu Conselho Nacional) as atividades desenvolvidas num Seminário realizado em Recife, no período de 8 a 11 de abril de 1985. Este correspondeu a II Semana de Estudos Maria Amélia Leite, cujo tema tratava de "A dignidade da Criança e a Sociedade Brasileira".

As semanas nomeadas de Maria Amélia Leite (1913-1982) significavam a homenagem prestada à assistente social nordestina, de Aracaju, membro fundadora do CBCISS, professora universitária que se dedicou com excepcional interesse e dedicação invulgares à causa da infância e família.

Dom Helder convidado a participar na II Semana fez sua mensagem ao lado de eminentes especialistas na área em foco, encorajando-os a prosseguir na luta pelas reformas indispensáveis à dignidade da criança e

da família. Sua familiaridade com os propósitos do CBCISS, logo é declarada nas Considerações Preliminares que proferiu.

Instituições como o CBCISS não se podem contentar com Assembleias vistosas e com estudos, mesmo profundos e sérios, nascidos para permanecerem no papel.

Os canadenses criaram o Magoshan: com nome esquimó, trata-se de Estudos Joviais, mas levam a engajamentos (...). Ao ver o cuidado do CBCISS (...) nos reunimos para encorajar-nos, mutuamente, a não pouparmos esforços para ajudar a criar um Brasil mais justo e mais humano, o que se supõe, necessariamente, um Mundo mais humano e mais justo (CBCISS: 1985, 9).

A lucidez de suas palavras, a esperança e a crença no diálogo no sentido de um agir comum, alimentam as perspectivas de alcance de transformações sociais.

Dom Helder desnuda mais uma vez, com sua crítica radical, as injustiças acometidas ao povo e a exigência de respeito a cada ser humano. Diz ele:

É que o egoísmo humano faz esquecer: que 80% dos habitantes do mundo devem contentar-se com 20% dos recursos da Terra, enquanto 20% da humanidade abarcam 80% das riquezas do mundo. E não se diga que mais de 2/3 da humanidade se acham em condições sub-humanas por falta de inteligência ou de coragem de trabalhar firme, ou por falta de honestidade (...).

O que se pode dizer é que esta incrível divisão egoística de alimentos se repete dentro dos Países do Terceiro Mundo, inclusive o Brasil (CBCISS: 1985, 11).

Prossegue ele, mais adiante: "O povo sente que a Criança só terá vez quando as Reformas de Base puserem fim às injustiças incríveis, que são um escândalo, tanto mais graves quando o nosso País é rico e daria para oferecer condição realmente humana para todos os seus filhos (CBCISS: 1985, 13)."

Termina com um apelo:

Querido CBCISS! Maria Amélia Leite nos escuta com amor e simpatia, mas exige de nós a coragem necessária para não nos deixarmos envolver por estatísticas tranquilizantes e inverdades que se apresentam, enganosamente como patrióticas...

O Brasil suporta a verdade. Não precisa de nossa mentira (CBCISS: 1985, 13).

A fala é pronunciada com firmeza, relativa ao presente vivido, naquela época, com um horizonte de futuro que pode iluminar modos de olhar e de

refazer, no hoje, em expressão atual, a continuidade da busca da justiça e paz face aos desafios do século XXI.

Continuando sobre o CBCISS, não custa recordar primeiro a comemoração (uma de outras tantas) dos 80 anos de Dom Helder, em 1989, na sua sede, ao aceitar o convite para uma celebração de alegria pelo cumprimento de seu natalício. Foram momentos emocionantes e respeitosos.

E, por último, registrar a comunicação amiga de Dom Helder ao CBCISS feita por ocasião do cinquentenário da instituição. No ato celebratório da comemoração, a 24 de maio de 1996, foi lida a carta que encaminhara.

Foi uma imensa satisfação tomar conhecimento de que o nosso CBCISS comemora solenemente seu cinquentenário e de receber seu honroso convite para participar dessa comemoração.

Agradecendo sua dedicada atenção e justificando minha ausência por observar recomendação médica, quero lhe dizer que, neste dia estarei bem presente, pelos laços que nos une, congratulando-me com todos vocês.

Junto ao Pai, estará minha prece ardente, para que o nosso querido Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais continue com êxito a construção de sua história. Que seja sempre "esta Casa aberta e preocupada em discutir as grandes questões sociais", contribuindo para a construção de uma sociedade humana e fraterna, respeitando todas as culturas.

Na certeza da indulgência e compreensão de todos, o não ir é para mim aceitar as limitações à vontade de Deus.

Para o NOSSO CBCISS – Parabéns!

Fraternalmente em Cristo, Helder Camara Arcebispo Emérito de Olinda e Recife. (Almeida: 2002, 241 e 242).

Nada marca mais, o modo de existência do Dom, em qualquer circunstância que seja, do que a relação dialógica de se fazer presente como pessoa ao outro.

\* \* \*

*E as árvores de  
amanhã  
deverão, em grande  
parte,  
sua seiva a esse  
incomparável  
semeador de verdade e da  
justiça*  
(Tristão de Ataíde - Alceu  
Amoroso Lima -

São muitos os olhares que podem ser tomados para responder à pergunta “quem” foi o padre Helder, o Dom Helder do Rio de Janeiro, o Dom Helder de Olinda e Recife, o Dom Helder do mundo.

O padre Helder foi convidado a dar aulas nas Faculdades Católicas do Rio de Janeiro, em 1941, por Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, quando resistiu à idéia por considerar que preferia ser aluno. Entretanto, a partir de 1942, ele lecionou na Faculdade de Filosofia e de 1943 na Escola de Serviço Social, pois o convite transformara-se em uma ordem. Segundo Dom Leme, padre Helder já era um doutor (Piletti e Prexedes, 2008).

É bom ressaltar que na universidade já em 1949 está registrado como professor catedrático e em 1964 (ano que foi transferido para Recife) como professor titular.

Aliás, o título de doutor conferido a Helder Camara foi reconhecido formalmente por várias universidades nacionais e estrangeiras a começar pelo título de Doutor Honoris Causa em Letras pela Universidade de Saint Louis – EUA em 31 de maio de 1969, e numa sequência de 30 novas titulações de Doutor *Honoris Causa*, sendo a última aquela conferida pela PUC-RIO em 22 de março de 1991.

Tratava-se da comemoração do Jubileu de Ouro da universidade e o colegiado acadêmico resolveu homenageá-lo pela Faculdade de Filosofia, assim como o ilustre advogado, seu amigo, o professor Heráclito Fontoura Sobral Pinto pela Faculdade de Direito.

Os títulos, prêmios, distinções e honrarias atribuídas a Dom Helder eram recebidas como um tipo de demonstração pública do compromisso firmado com o mundo, simbolizando seu engajamento em favor dos injustiçados.

Assim, a PUC-RIO, agora pelas comemorações do Ano Centenário de Dom Helder cria um espaço de comunicabilidade para Dom Helder com a exposição de seu pensamento e ação, percepção e reflexão, presença e diálogo.

Numa entrevista autobiográfica concedida a seu amigo J. Broucher, citado por Zildo Rocha (2000), o próprio Dom Helder sugere:

(...) que a evolução de sua visão sócio-política se deu em três passos decisivos:

- de ação integralista de Plínio Salgado para o humanismo integral de Jacques Maritain;
- do humanismo integral para o desenvolvimento integral do Pe. Lebret e François Perroux;
- e por fim, do desenvolvimento integral para uma teoria da Libertação dos marginalizados e empobrecidos, na linha dos estudos da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe) (...) e, mais tarde, dos teólogos da libertação (Rocha: 2000, p. 215).

Mas, qualquer que seja a linha adotada para compreender quem foi Dom Helder, alguns traços são notados: a condição humana de abertura ao diálogo; a esperança do despertar de consciências; a luta pelos injustiçados; o aprendizado e desenvolvimento da paz; o exercício da democracia, da liberdade de expressão; a defesa dos Direitos Humanos, num homem carismático que se dispôs a servir em nome da sua fé.

Finalizando, ao se transmitir a lembrança de Dom Helder, hoje, faz-se uma mediação entre gerações, resgatando-se a sua memória como sendo uma sugestão de horizonte de amor ao outro, num agir comum responsável, para a constituição da história de homens e mulheres inseridos no mundo desafiador atual.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Anna Augusta de. "CBCISS – Espaço de Esperança Transformadora", In *Debates Sociais, CBCISS – Memória. CBCISS*, Rio de Janeiro, nº 60, Ano XXXVII, 2002, pp.9 – 289.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BUBER Martin, *Eu e Tu*. São Paulo: Editora Moraes, sd.

CAMARA, Helder. *Rosas para meu Deus / Dom Helder Camara* (organização e seleção de textos Maria do Carmo Pimenta). São Paulo: Paulus, 5ed; 2007.

\_\_\_\_\_. In BROUCHER, José de. *Dom Helder narrado a meus netos*. ROCHA, Zildo. Helder, O Dom. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. In SANTANGELO. *Helder Camara*. São Paulo: Edição Loyola, 2ºed., 1984.

- CASTRO, Marcos de. *Dom Helder: Misticismo e Santidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CBCISS. II Semana de Estudos Maria Amélia Leite. *Coleção Temas Sociais*, CBCISS, Rio de Janeiro, nº 191, Ano XVII – 1985.
- ROCHA, Zildo (org). Pós-facio à 3ª edição (Zildo Rocha). In *Helder, O Dom*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Camara: o profeta da paz*. São Paulo: Contexto, 2 ed; 2008.
- CONDINI, Martinho. *Dom Helder Camara: um modelo de esperança*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SILVA, Ilda Lopes Rodrigues da Silva. "Uma visão Pioneira no Desafio da Inclusão Social", In *Debates Sociais, CBCISS*, Rio de Janeiro, nº 57, Ano XXXI, 1999, pp.81-92.
- TRISTÃO DE ATAÍDE (Alceu Amoroso de Lima). In CASTRO, Marcos de, *Dom Helder: misticismo e santidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.